

JOÃO GUTIERREZ E FLÁVIO DE BARROS: DOIS FOTOGRAFOS NA GUERRA DE CANUDOS (1896-1897)

Claude Santos¹

RESUMO: O texto reconstrói as trajetórias dos fotógrafos Juan Gutierrez de Padilha e Augusto Flávio de Barros durante a quarta e última expedição militar da Guerra de Canudos, tendo como referência as descobertas exibidas no relatório de pesquisa “Fotografia da Guerra de Canudos: Pesquisa para Identificação de Fotografias Avulsas Existentes no Acervo do Museu da República” exposto acima. Portanto, trata-se também de parte da pesquisa inédita desenvolvida pelo autor Claude Santos que viria a desembocar no seu livro “Crônicas de Sangue: O Cotidiano na Guerra de Canudos”, o qual, infelizmente, permanece não publicado diante do seu falecimento precoce em 2016.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra de Canudos; Fotografia; Flávio de Barros; Juan Gutierrez de Padilha.

ABSTRACT: The text reconstructs the trajectories of the photographers Juan Gutierrez de Padilha and Augusto Flávio de Barros during the fourth and last military expedition of the War of Canudos, using as reference the findings shown in the research report “Photography of the Canudos War: Search for Identification of Single Photographs Existing in the Collection of the Museum of the Republic” shown above. Therefore, it is also part of the unpublished research developed by the author Claude Santos that would lead to his book "Crônicas de Sangue: O Cotidiano na Guerra de Canudos", which unfortunately remains unpublished given his early death in 2016.

KEYWORDS: War of Canudos; Photograph; Flávio de Barros; Juan Gutierrez de Padilha.

Era um dia nublado de junho quando o fotógrafo João Gutierrez retratou uma bateria de artilharia na vila de Monte Santo, durante a quarta expedição militar contra o Arraial de Canudos. Essas imagens, recentemente identificadas, pertencem ao acervo do Museu da República.

Juan Gutierrez de Padilha, espanhol naturalizado brasileiro pouco tempo depois da Proclamação da República, tinha sido incorporado ao Exército, através de portaria reservada do Ministério da Guerra do dia 24 de março de 1897, como capitão honorário "sem direito, porém, à ajuda de custo". Era um voluntário. E, naquele dia de junho, estava acompanhando o general João da Silva Barbosa, comandante da primeira coluna da expedição, numa vistoria das tropas acampadas na vila.

¹ Fotógrafo, documentarista, pesquisador e ensaísta baiano (1953-2016).

Gutierrez tinha chegado em Salvador, na tarde de 2 de abril, integrado ao estado-maior de Barbosa, a quem serviria como ajudante de ordens, mas a sua principal missão era fotografar as operações da quarta expedição militar. Além de trazer na bagagem uma larga experiência no seu ofício, era um republicano exaltado. Quando foi proclamada a República, logo aderiu à nova ordem e no seu *atelier* - inicialmente estabelecido no Rio de Janeiro como Photographia União e, depois, Companhia Photographica Brasileira – foram retratados importantes líderes republicanos.

No palco da guerra, Gutierrez não só usaria os apetrechos da sua profissão como, também, os armamentos necessários aos combates. Estava preparado para enfrentá-los. Era capitão da Guarda Nacional. Alguns anos antes, em 1891, tinha sido nomeado tenente do 1o Regimento de Cavalaria e, ainda com a mesma patente, fotografou e combateu durante a Revolta da Armada, em 1893. Segundo um contemporâneo, o tenente Frederico Luiz da Costa, na época ele comandou um esquadrão do mesmo regimento e foi elogiado pelo então coronel João da Silva Barbosa, seu amigo. A mesma fonte também anotou que naquele ano de 1897, logo depois da derrota da expedição Moreira César no sertão baiano e quando se iniciaram os preparativos para a expedição Artur Oscar, Gutierrez diariamente dizia aos mais próximos que a República precisava ser vingada e ele, como verdadeiro republicano, deveria marchar. Em nada adiantaram os pedidos e ponderações para demovê-lo da idéia, e, acompanhando Barbosa, embarcou no vapor *Cordillère* em 31 de março. Antes, no dia anterior, tinha sido fotografado com o estado-maior do general e lavrado testamento.

Depois de uma curta permanência na Cidade da Bahia, Barbosa e seus auxiliares tomaram um trem na Estação da Calçada, no dia 6 de abril, e foram para Queimadas. Lá se apresentaram ao general Artur Oscar, comandante da quarta expedição militar.

A pacata vila de Queimadas tinha se transformado numa base de operações militares. Às 7h da manhã, as tropas entravam em forma e logo depois começavam os repetidos toques dos corneteiros anunciando os detalhes da ordem do dia. Em meio ao burburinho, Gutierrez fotografou os preparativos militares e quando foi para Monte Santo, no início da manhã de 3 de maio, não levou o material produzido. Deixou-o sob a guarda do capitão Dr. Álvaro Telles de Menezes, médico que estava servindo na enfermaria militar.

Chegaram em Monte Santo no dia 6. Como Queimadas, a segunda base de operações também se transformou numa praça de guerra e o fotógrafo documentou o seu cotidiano. Lá ficou até o dia 20 de junho quando foi para Canudos acompanhando o

general Barbosa e as tropas da expedição Artur Oscar. Antes, se preocupou em proteger as fotografias produzidas na vila, deixando-as com o major Martiniano José Alves Ferreira, comandante da praça militar. Entre elas, as publicadas neste artigo, feitas entre os dias 13 e 19 de junho.

As tropas da primeira coluna da expedição Artur Oscar tiveram o seu batismo de sangue no dia 27, quando foram encurraladas pelos defensores de Canudos no local que ficou conhecido como *Vale da Morte*. Na manhã do dia seguinte, tentaram tomar a *Fazenda Velha*, trincheira conselheirista, investindo do *Alto da Favela*. No combate, foi morto o fotógrafo e combatente João Gutierrez. Segundo uma testemunha da cena, "algumas malas, papéis e outros objetos de Gutierrez" ficaram sob a guarda do general Barbosa, do capitão Dr. Álvaro de Menezes e do major Martiniano. Entre os objetos, uma máquina fotográfica.

João Gutierrez completaria 34 anos no dia 30 de setembro daquele ano de 1897. Os guardiões dos seus bens sobreviveram ao conflito, mas coube a Martiniano devolvê-los a quem de direito. Depois de ter sido dispensado do comando da Praça de Monte Santo, foi para Salvador e embarcou para o Rio de Janeiro levando, segundo o *Diário de Pernambuco*, "os clichês de Canudos, da Companhia Photographica Brasileira". Certamente eram as fotografias de Gutierrez, proprietário da empresa citada.

Depois da morte de Gutierrez, passaram-se mais de dois meses para outro fotógrafo chegar ao palco de conflito. Chamava-se Augusto Flávio de Barros e foi para Queimadas com a comitiva do ministro da guerra, Carlos Machado Bittencourt, no dia 30 de agosto. Tinha mais de quarenta anos e algumas notícias publicadas na imprensa titularam-no como "professor". Realmente o fora. No início da sua vida profissional exercera o magistério em escolas públicas na região do Rio São Francisco.

Do percurso de Queimadas a Monte Santo, Flávio nos deixou poucas fotografias, mas quando chegou à segunda base de operações militares, em 8 de setembro, trabalhou intensamente tendo como principal objetivo retratar a oficialidade de todos os batalhões. Alfredo Silva, correspondente do jornal fluminense *A Notícia*, anotou que o fotógrafo não dispendo "aqui de câmara em que realize os seus delicados trabalhos, esse artista aguarda sua volta à Bahia para então poder terminá-los".

Diferentemente de Gutierrez, que nas suas bagagens certamente tinha levado os objetos e químicos necessários para processar suas fotografias, Flávio só iria finalizar suas imagens em Salvador e no Rio de Janeiro. Na realidade, iniciava-se na profissão ao passo que Gutierrez quando chegou ao Brasil, vindo de Portugal por volta de 1888, já

era um *operador* respeitado na Photographia União, tradicional *atelier* da cidade do Porto.

Quando Flávio de Barros chegou em Canudos no entardecer do dia 27 de setembro, a situação militar era estável o que lhe possibilitou fotografar a oficialidade dos batalhões e fazer *vistas* do arraial, localizando-o geograficamente. Durante os combates de 1 de outubro, documentou uma bateria de artilharia bombardeando o povoado e no dia seguinte produziu a fotografia "400 jagunços prisioneiros", retratando homens, mulheres e crianças que participaram da rendição organizada por Antônio Beatinho. Na manhã do dia 6 de outubro, já consolidada a vitória, fotografou as ruínas das igrejas e o corpo do líder religioso de Canudos que, respeitosamente, titulóu como o "Retrato do Bom Jesus Antonio Conselheiro (depois de exumado)".

Findou-se aí o trabalho de Flávio em Canudos. Naquele mesmo dia, apressadamente, voltou para Salvador. Estava ansioso para iniciar o processamento das imagens e ir para o Rio de Janeiro, divulgá-las e comercializá-las. Como Gutierrez, era um voluntário e buscava uma compensação financeira por envolver-se naquela perigosa empreitada. Poucos dias depois, desembarcou na capital da República e o *Jornal do Brasil* noticiou que o fotógrafo trazia "nada menos de 65 clichês de fotografias tiradas em Canudos e que serão expostas à venda".

Em 20 de dezembro, Flávio de Barros iniciou na imprensa a publicação de anúncios noticiando que faria uma exposição pública, "por meio de projeções fotoelétricas", na rua Gonçalves Dias, 46. Na época, a capital federal estava em estado de sítio, decretado depois do atentado ao presidente Prudente de Moraes e que vitimou o ministro da guerra, Carlos Machado Bittencourt. Apesar disso, a tragédia de Canudos ainda excitava a curiosidade pública e a investida comercial do fotógrafo teve uma boa receptividade. No dia 11 de janeiro de 1898, o *Jornal do Brasil* publicou um anúncio informando que o evento já tinha sido visitado "por mais de 8000 pessoas, entre as quais muitos dos oficiais do nosso heróico exército e que revêm com a máxima fidelidade os lugares e perigos por que passaram durante essa memorável campanha".

Naquele início do ano de 1898, João Gutierrez também apareceu nos jornais. No dia 2 de janeiro, as folhas noticiaram que a Companhia Photographica Brasileira, então em liquidação judicial, tinha sido destruída por um incêndio. Provavelmente nele perdemos grande parte do trabalho feito pelo fotógrafo durante a guerra, mas é possível que algumas imagens ainda estejam adormecidas em arquivos públicos e particulares. O mesmo podemos imaginar com relação às fotografias de Flávio de Barros. Certamente

ele produziu outras imagens, além das editadas nos álbuns que hoje pertencem ao Museu da República, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e Casa de Cultura Euclides da Cunha de São José do Rio Pardo.